



Gabinete do Arcebispo Primaz

TEXTO

Ref. TXT_13/2016

*Depoimento sobre o Natal
para a revista Ideia5*

Braga, 18.Nov.2016

O meu Natal

O crescimento vai trazendo sempre novas ideias ou oferece maior consistência àquelas já adquiridas. Não admira, por isso, que refira, com toda a verdade, que o Natal da minha infância reportava-me sempre à celebração do nascimento do menino Jesus vivido em ambiente familiar. O centro era este nascimento e, por causa dele, aconteciam coisas que marcaram a vida.

A festa familiar, com aquilo que é tradicional e comum a todas as famílias, acontecia com a normalidade de quem vive um tempo de festa. A ceia significava o lugar do encontro e a espera pela meia-noite – isto na idade mais crescida – para receber a prenda que o Menino traria. Era sempre Ele, sem confusões ou interpretações alternativas. A lareira criava o ambiente enquanto se aguardava por algo importante. Os jogos tradicionais, como o rapa, faziam-nos ganhar pinhões. Outros jogos aconteciam, mas sempre como contorno desta alegria familiar que se celebrava ou se queria celebrar.

A missa era esperada no dia 25 com a alegria da prenda já recebida. Agradecia-se com um beijo ao Menino e com o prazer de estar na missa mais festiva, onde o presépio nos ajudava a centrar no essencial.

A gastronomia situa-se no comum de todas as famílias. As diferenças eram muito poucas. Apenas variavam as quantidades. Daí que não importe referir o que acontecia em todos os lares. Significado particular adquiria a atenção aos mais pobres. A festa tinha de ser para todos e importava partilhar para que nada faltasse a ninguém. A saudade evoca-me a educação paterna para o dar. Como filho de lavradores, havia sempre coisas que poderiam enriquecer a ceia dos mais pobres. Éramos motivados a dar, como que aprendendo a pôr em comum com quem nada possui. Recordo como gostava de levar batatas, bacalhau, couves e vinho àqueles que batiam à porta, alguns conhecidos e outros desconhecidos. Isto era interessante pelo facto de motivar a dar a quem precisava, mesmo sem conhecer as necessidades. Bastava pedir!

Se a família, no seu núcleo mais restrito, era o centro, ela alargava-se também a outros familiares mais distantes. Não era o partilhar desmesurado e talvez impensado de prendas. Estas não existiam. Mas havia sempre algo para levar aos familiares mais próximos. Recordo como se partilhava o vinho, a batata, a hortaliça e alguns doces. Este dar trazia também outras coisas que não se possuíam e assim a mesa compunha-se com coisas tradicionais e com a partilha de todos.



O Natal recorda ainda os Reis: canta-se em espírito de festa ou procurando ajuda para algumas causas. Era um momento simbólico que nos fazia crescer na partilha e na amizade.

Comparar com hoje? Não me atrevo. A simplicidade era muito maior e oferecia maior alegria e encanto. As mesas não eram tão coloridas com as variedades de doces nem as prendas enchiam as salas. Mas, o amor ao Menino e o sentido de família davam maior alegria e encanto a uma noite de valor inimaginável.

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*